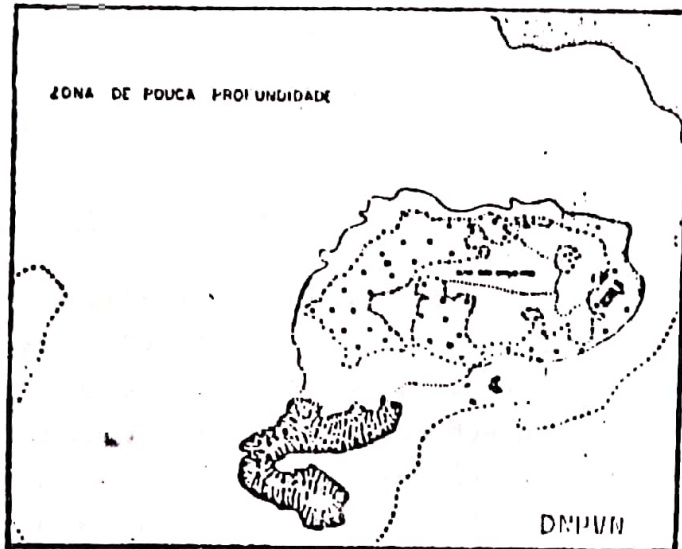


ARMANDO
(15)

A GEOGRAFIA E A QUESTÃO DA FORMA
(Uma Primeira Diferenciação do Objeto)

Armando Corrêa da Silva



Terminei a redação de
minha Tese de Livre Docên-
cia, em 05 de janeiro de
1982, com a pergunta:
- "Qual a forma espaci-
al possível, como manifes-
tação de trabalho vivo,
que desperta a atenção pa-
ra a perspectiva?" (p.439).

Verificando alguma re-
ferência anterior descu-
bro, em O ESPAÇO FORA DO

LUGAR, na Introdução, escrita em 1978, o seguinte:

"Mais um estruturalismo?

Em alguns momentos destes escritos, sim.

Por quê? Porque um de nossos dilemas como geógrafos diz respei-
to à natureza do objeto. Estudamos a área, a região, o território. São
componentes de uma dimensão espacial. Como dar conta da unidade aqui?
Muitos de nós temos estado perdidos na discussão da forma espacial, o
que leva às vezes, inevitavelmente, à discussão do todo em termos de
estrutura. Não considero isto um erro. É um momento da análise, neces-
sário, mas não suficiente." (pp. 1-2. O grifo é feito agora).

Por que propôs esse tema?

Em 1978, configurou-se plênamente a crise
da Geografia, como uma dupla problemática a res-
peito de forma: a primeira, relativa à paisagem,
modo tradicional de apreensão do objeto, que se
cristalizou como conceito, deixando, assim, de
ser uma indicação teleológica de futuro para a so-
ciedade e os indivíduos; a segunda, relativa ao
modelo, expressão recente de apreensão do objeto,



que foi criticada por ser um modo reificado de por-se o futuro da sociedade. Nos dois casos, entrou em jogo a perda do conteúdo ontológico concreto da Geografia.

Passou-se, então, à redescoberta da noção de processo, como capaz de preencher o vazio. A proposta, com origem em várias vertentes epistemológicas, concentrou-se na afirmação através da crítica.

Efetivada a reposição dos parâmetros teórico-metodológicos, pôs-se outra necessidade diversa de afirmação.

Um Posicionamento Geral

Em artigo recente (Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método Geográfico), Milton Santos diz: "...para estudar o espaço cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço." (p. 1).

A exposição prossegue, sempre sendo relacionadas as noções.

Mas, põe-se um momento do discurso, em que é preciso apresentar definições. A respeito de forma, é dito: "Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo." (p. 2). Mais adiante, encontra-se o seguinte: "A forma pode ser imperfeitamente definida como uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função. As formas são governadas pelo presente, e costumam se costumar ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas. Estas surgiram dotadas de certos contornos e finalidades-funções." (p. 3). Ainda: "Pode-se expressar a forma como uma estrutura revelada." (p. 3).

Do ponto de vista do método, Milton Santos argumenta contra a separação dos quatro conceitos referidos: "Tomados individualmente, apresentam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo." (p. 5).

Um Posicionamento Analítico

Em 1981, escrevi o seguinte:

"O espaço de ocorrência e manifestação determina o espaço em si, como processo e forma. Por isso, como situação e posição que, num primeiro momento, se põem como sistema lógico geral e sistema lógico de

peciais referidos ao discurso.

O espaço de ocorrência e manifestação se põe como espaço social-natural, ou seja, um conjunto interativo de elementos e relações sociais-naturais, relações essas que são relações de determinação e de sobredeterminação na passagem da primeira para a segunda natureza. Por isso, ele determina o espaço em si como espaço social e espaço natural. Mas, não pode fazê-lo senão como processo e forma. Como diz Hegel: "No entanto, esse mundo novo não tom, como não a tom a criança recém-nascida, uma realidade efetiva acabada. E é essencial não deixar de lado esse ponto. O primeiro surgir é, inicialmente, a imediatez ou o conceito daquele mundo novo. Assim como um edifício não está pronto quando foram postos seus alicerces, assim o conceito do todo que se conseguiu alcançar não é o próprio todo. Se quisermos ver um carvalho na força do seu tronco, na extensão dos seus ramos e na massa de sua folhagem, não nos contentaremos se, em seu lugar, nos for mostrada uma bola de neve. Desta sorte, a ciência, que é a coroa de um mundo do Espírito, não está perfeita no seu começo. O começo do novo Espírito é o produto de um amplo revolvimento de variadas formas de cultura, o preço de um caminho extremamente intrincado e, igualmente, de muito trabalho e esforço. Esse começo é o todo que retorna a si mesmo a partir da sua sucessão como da sua extensão, e é o conceito simples, que se torna tal, desde o todo. Mas a efetividade desse simples todo consiste no fato de que aquelas figuras, que se tornaram momentos, novamente se desenvolvem, mas no seu novo elemento, e se dão uma figuração de acordo com o sentido que se vinha formando." (Hegel, 1974: 16). Então, o processo é o contínuo devir da forma, enquanto, respectivamente, a natureza fazendo-se natureza, a sociedade fazendo-se sociedade; é o movimento particular do processo que contém a permanência dos elementos da contradição e sua resolução, sendo também o ponto de partida abstrato. O processo é, pois, uma figuração particular do movimento. Então, o processo social e o processo natural se põem como relação desigual e combinada, uma sucessão e simultaneidade de determinações em movimento, em durações e extensões diferentes, que se mostram como coerências da diversidade do real. Essa relação gera formas sociais e naturais múltiplas e diversificadas, no conjunto das variações do real. Para Marx, referindo-se ao social, essa produção se põe como segue: "O processo de produção é a unidade imediata entre o processo de trabalho e o processo de valorização, do mesmo modo por que seu resultado imediato, a mercadoria, é a unidade imediata entre o valor de uso e o valor de troca. Contudo, o processo de trabalho não é mais do que um meio do processo de valoriza-

4

ção, processo que, por sua vez, é essencialmente produção de mais-va-
lia, isto é, processo de objetivação do trabalho não pago. Assim, de-
cha determinado especificamente o caráter global do processo de produ-
ção." (Marx, 1970: 22). Por isso, o processo de produção é forma d'pro-
cesso. Mas, além disso, variações de forma o processo que se medem pe-
lo equivalente. No conjunto da natureza e sociedade, como relações de-
terminadas, essas variações se expressam como situação e posição, si-
tuação social (a conjuntura das relações do lugar social em processo)
e posição social (a estrutura das relações do lugar social como forma).
Por isso, como situação natural e como posição natural. O conjunto con-
figura um sistema, a estrutura lógica do conjunto das determinações co-
mo processo e forma em movimento. A lógica desse sistema manifesta-se
como estrutura, que é o todo das relações de coerência interna dos sis-
temas sociais e naturais, todo esse que se põe como ser e atributos em
movimento. Mas, o conjunto configurado é determinação de sistemas lógi-
cos especiais que se apresentam como passado, presente e tendências de
futuro. Por isso, a lógica do lugar social é atribuição do discurso e
consciência das determinações imanentes, que se referem à manifestação
do ser e de seus atributos por si mesmos. O lugar social em si, deter-
minação primeira, é, então, determinação do lugar de ocorrência e mani-
festação. Num segundo momento o lugar de ocorrência e manifestação de-
termina o lugar social em si. Por isso, natureza, sociedade e espaço
são momentos de manifestação do processo de configuração da forma, que
se expressa como particularidade dos elementos sociais-naturais, que de-
finem o campo de forças, o lugar social.

Que lugar social é esse e como se põe?

O espaço terrestre é natureza, sociedade e lugar. Mas, não pode
sê-lo sem a força natural e a força de trabalho; sem a consciência so-
cial e a manifestação física do real.

O espaço terrestre é, então, espaço de ocorrência e manifesta-
ção e é espaço em si como processo e forma, evidenciando-se como cate-
goria, o lugar, que se manifesta como área, região, território. Mas,
não pode sê-lo sem ser natureza, sociedade e lugar em movimento, no de-
vir de configurações - o contorno do processo e da forma, assim como a
sua textura - de sistemas e estruturas. Então, os sistemas e estruturas
põem-se como modos de organização (o ser estrutural do conjunto de re-
lações em movimento) do todo (o ser como unidade coerente, que se auto-
determina em seu existir); ou seja, modos de vida espaciais (o momento
estável do processo que remete à configuração). Pierre George o diz da

te modo: "O conhecimento histórico dos fatores e das causas do desigual desenvolvimento das técnicas precede o esclarece a constatação da diversidade atual do mundo do ponto de vista da aquisição das técnicas, dos níveis econômicos, das condições sociais etc." (Lange, 1966: 20). E, continua: "Na escala regional ou local, a história se materializa por uma herança de dados concretos: paisagem rural, repartição dos lugares habitados, tipos de cidades, sistemas de circulação, cuja elaboração procede de períodos que vão do século ao milênio para mais. O presente é feito de um conjunto de distorções entre possibilidades, necessidades e estados de fato, que constituem obstáculos e freios." (Idem: 21). Mais adiante diz: "O que caracteriza a pesquisa geográfica em relação às pesquisas das ciências econômicas e sociais é situar os dados num meio que, indiferente no inquérito sociológico, é, ao contrário, objeto de uma descrição qualitativa muito precisa pelo geógrafo. Esta localização acompanha a pesquisa de relações consideradas hoje como recíprocas e recorrentes, e também como relações insuficientes para explicar a totalidade dos dados. O conjunto destas relações contribui para constituir uma situação. Uma situação é a resultante, num dado momento - que é, por definição, o momento presente, em geografia - de um conjunto de ações que se reforçam e sofrem os efeitos de acelerações, de freios ou de inibição por parte dos elementos duráveis do meio e das sequelas das situações anteriores. Esta situação é fundamentalmente caracterizada pela totalidade dos dados e fatores específicos de uma porção do espaço que é, salvo nos casos-limites de margens inocupadas pelo homem, um espaço ordenado, uma herança, isto é, um espaço natural humanizado." (Idem: 23/4). Mas, os modos de vida espaciais opõem a força natural e a força de trabalho. Por isso, o lugar social se põe como natureza e sociedade. É que a força natural - o conjunto das energias orgânicas e inorgânicas da natureza, que se manifesta nos tipos, nas espécies e organismos - é imamente à natureza; como a força de trabalho - a energia necessária à transformação da natureza e da sociedade, como atributo social - o é à sociedade. Então, o lugar social, como produto da força de trabalho - o conjunto das relações sociais-naturais localizadas - é também consciência social, em sua determinação de força e trabalho. Daí que, o espaço terrestre é um conjunto de lugares sociais, como idéia - a manifestação da materialidade do pensamento como expressão abstrata ou concreta do ser - e como manifestação física do real apropriado. A manifestação física é o ser e o existir do processo e da forma. Porque o físico é o expressar-se como devir e como configuração particular do conceito do real. A natureza e a sociedade nostram-

se, então, à consciência como realidade percebida - o real apreendido, pelos sentidos - e apreendida - o real transposto à consciência o manifesto como expressão cultural. Também o lugar. Por isso, o lugar social é um conjunto de manifestações físicas dos processos e das formas que dele são determinações. O físico é, então, natural - a natureza em seu modo de ser espontâneo - e social - a sociedade em seu modo de ser produzido pelo trabalho - identificação perceptível do processo e da forma, como percepção da configuração e apreensão do significado da configuração em movimento. Isto põe-se na multiplicidade das aparências e conteúdos, como momentos do ser em seu movimento - singulares e universais concretos. Por isso, no tempo, Pierre George propõe que "O tempo comum é objeto dos estudos sobre a 'vida cotidiana', os ritmos sazonais, os comportamentos das diferentes idades da vida." (...) A tarefa da geografia "consiste em registrar as diferentes utilizações do tempo vivido, conforme as parcelas de espaço em questão. Todavia, o tempo comum é, de forma mais ou menos perceptível diretamente, produto do tempo anômalo, ou seja, do acontecimento ou da conjuntura que singularizam o tempo presente, (...) determinando em dado momento uma opção entre diversas possibilidades de evolução e, engendrando, em consequência, certo número de mutações que diferenciam o tempo posterior ao acontecimento do tempo anterior." (George, 1969: 48). Mais adiante afirma: "O objeto de qualquer estudo geográfico é um estado de fato, que pode ser considerado como convergência de processos cuja rapidez de desenvolvimento é profundamente diferente dos processos relativos às leis de evolução do meio natural, dos processos relativos a diversos estilos de evolução histórica, associando e, em alguns casos, colocando em concorrência e em contradição movimentos lentos de ritmo secular e movimentos acelerados que desorganizam paisagem, atividades, sistemas de relação no curso de uma geração, outras vezes no decorrer de uma década." (Idem: 50). Então, diz: "Se a organização do espaço, e principalmente dos sistemas de relação, atenua os aspectos cerceadores de determinadas imposições, o tempo desfrutado supera o tempo imposto. A transformação de um meio geográfico intervém para modificar a qualidade do tempo objetivo e daí modular o tempo subjetivo." (Idem: 65).

O lugar social se põe como processo e forma?

O homem põe-se como modo de vida localizado, que o determina na mediação das relações de trabalho. Por isso, o lugar social é o ponto de partida, como relações sociais e sociais-naturais e como paisagem humanizada, que se manifestam como processo e forma.

O ser concreto do homem, o existir das coisas e eventos, é o

seu modo de vida, a recorrência das relações sociais e sociais-natu-
rais. Mas, não pode sê-lo sem o lugar de manifestação e ocorrência,
assim como sem o lugar em si. A consciência psicológica do lugar é, en-
tão, psicologia da forma. Guillaume o enuncia assim: "Os fatos psíqui-
cos são formas, quer dizer, unidades orgânicas que se individualizam e
se limitam no campo espacial e temporal da percepção ou de representa-
ção. As formas dependem, no caso da percepção, de um conjunto de fatô-
res objetivos, de uma constelação de excitantes; mas são transportáveis,
quer dizer que algumas de suas propriedades se conservam em mudanças
que afetam, de certa maneira, todos êsses fatores. As formas podem a-
presentar uma articulação interior, partes ou membros naturais possuín-
do, no todo, funções determinadas, e constituindo, em si interior, u-
nidade ou formas de segunda ordem. A percepção das diferentes classes
de elementos, e das diferentes espécies de relações, corresponde a di-
ferentes modos de organização do todo, que dependem ao mesmo tempo de
condições objetivas e subjetivas. A correspondência que se pode estabe-
lucer, entre os membros naturais de um todo articulado e certos elemen-
tos objetivos, não se mantém, geralmente, quando êsses elementos per-
tencem a outro conjunto objetivo. Uma parte, num todo, é algo distinto
dessa parte isolada ou em outro todo, por causa das propriedades que
deve ao seu lugar e à sua função em cada um dêles. A mudança de uma con-
dição objetiva pode ora produzir uma mudança local na forma percebida,
ora traduzir-se por uma mudança nas propriedades da forma total." (Gui-
llaume, 1960: 12/3). Essa psicologia da forma remete à dimensão espa-
cial, como manifestação particular do ser, por abstração de outras ma-
nifestações do real. Por isso, na verdade, a dimensão espacial é, en-
tão, determinação social que se põe como resultado da mediação (momen-
to do processo e da forma como devir) das relações de trabalho. Então,
o modo de vida localizado é sistema e estrutura em funcionamento, como
configuração particular do movimento espacial - o ser e o existir em ex-
tensão em seu devir. Daí que, o lugar social põe-se como ponto de par-
tida. Ele é a referência (forma e processo como configuração da pre-i-
deação e da ideação) das relações sociais e sociais-naturais. Por isso,
mostra-se desde logo como paisagem humanizada, ou seja, o conjunto das
relações, expressas como modo de vida localizado. Mas, o modo de vida
localizado é apreendido como processo e forma, que são a manifestação-
determinação - o ser como contradição na duração e na extensão - do es-
tar, que supõe o ser, o ter e o haver. Portanto, a região e o territó-
rio. A sociedade, a natureza e o espaço são, então, o processo e a for-
ma de expressão do lugar social como modo de vida localizado. Entenda-
se a localização como a identificação do ser na configuração do proces-

so e forma em devir; momento lógico-natural da expressão do sítio, situação, posição. Momento que é mediação manifesta do processo e forma como apreensão e dado do real. Localizar-se é ser no espaço. Por isso, na área, na região e no território. Mas, não o pode ser sem o ser da área, da região e do território. Por isso, funcionalmente, Harvey o põe deste modo: "Hartshorne (...) sugere que uma unidade funcional constitui um todo que é, de algum modo, mais do que a soma de suas partes. Assim fazendo, ele refere-se a um problema filosófico geral que tem sido fonte de grande controvérsia em biologia orgânica e em psicologia (onde a psicologia da gestalt representa toda uma escola de pensamento que se baseia na crença de que há certas unidades indivisíveis)." (...) Mais recentemente o conceito de todos funcionais ou orgânicos foi apresentado em uma forma nova e mais interessante através da aplicação de sistemas referidos à geografia." (...) Nesse caso, "A configuração diversa de tais situações é que o comportamento de alguns sistemas não é determinado pelos elementos individuais, mas pela natureza intrínseca do próprio sistema (isto é, o todo). Os elementos individuais podem assim apresentar um alto grau de mútua interdependência, mas demonstrar isto empiricamente não é demonstrar que o todo determina a parte." (Harvey, 1969: 443/4). É que há aí uma contradição. Por isso o espaço de ocorrência e manifestação é momento contraditório do espaço em si, ou seja uma mediação como negação, ou, o ser e o não-ser da oposição de contrários, esta considerada como momento que precede a negação da negação e que remete ao momento do devir, da solução. Então, o espaço de ocorrência e manifestação é momento contraditório do lugar social. Por isso, é processo e forma em movimento, para além de sua dualidade.

Como se dá o processo-forma?

O processo e a forma se põem como processo-forma no espaço social do discurso geosocial.

O processo é a identificação do vir a ser (o que ainda não é mas já está posto). Identificação que se põe, por isso, como forma. É o que se dá formalmente nos modelos. Chorley e Haggett o põem assim: "Um modelo é, assim, uma estruturação simplificada da realidade que apresenta supostamente características ou relações sob forma generalizada. Os modelos são aproximações altamente subjetivas no sentido de não incluem todas as observações e medições associadas mas, como tais, são valiosos em ocultar detalhes secundários e permitir o aparecimento dos aspectos fundamentais da realidade. Esta seletividade significa que os modelos têm graus variáveis de probabilidade e um alcance limitado de condições sobre as quais se aplicam. Os modelos de maior sucesso possu-

em uma alta probabilidade de aplicação e uma extensa gama de condições sob as quais parecem apropriados. Com efeito, o valor de um modelo é muitas vezes diretamente relacionado ao seu nível de abstração. Apesar disso, todos os modelos têm necessidade de aperfeiçoamento constante, à medida que surge novas informações ou perspectivas de realidade, e quanto maior o sucesso com que foi originalmente elaborado, mais provável é que estes aperfeiçoamentos devam implicar na construção de um modelo diferente." (Chorley, Haggett, 1975: 4). Então, a forma é momento do processo, como configuração de particularidade e seu resultado. Por isso, processo e forma se manifestam, no vir a ser da negação da negação, como processo-forma, ou seja, a relativização da configuração que se põe como possibilidade relacional e negação do absoluto. Funcionalmente, diz Dolfuss: "Cada uma das unidades funcionais e fisiológicas que, no espaço geográfico, possuem identidade e são localizadas, constituem outras tantas estruturas. Cada estrutura é regida e organizada por um sistema. Por exemplo: um sistema de culturas é formado pela associação de culturas no interior de uma exploração; dá origem a uma paisagem agrícola, que é uma estrutura. O geógrafo situa no espaço as estruturas que compõem o mosaico, cujo arranjo é por ele estudado com o objetivo de extrair seu significado." (Dolfuss, 1973: 32). E continua: "As estruturas ligam-se entre si, por vezes, pelas superfícies de contato constituídas pelos limites, mas o fazem também através de séries de redes cuja natureza varia. O espaço geográfico, comparativamente aos outros, é entretido de malhas traçadas pelas redes, por intermédio das quais se efetuam as transferências e trocas." (Idem: 39). Por isso: "Todo sistema funciona graças à ação de agentes que são os elementos que produzem e provocam os processos. Um processo é uma série de fatos e de operações que apresentam uma certa unidade ou que se reproduzem com uma certa regularidade." (Idem: 56). Continuando, diz: "A dinâmica dos fenômenos exercem-se no espaço graças às trocas, transformações e transferências, expressas sob forma de fluxos de matérias, de energia, de populações e de bens." (Idem: 62). Mas, "As funções se manifestam na maioria das vezes por intermédio dos circuitos e das redes." (Idem: 73). Então, "Buscam-se constantemente as relações entre o sistema e a função por ele exercida para verificar, no interior do sistema, quais são os elementos dinâmicos e quais os freios. Decompõem-se os diversos elementos para observar de que maneira elesse combinam ou se contrapõem." (Idem: 78). Então, o processo-forma é a superação da manifestação absoluta (a determinação e sua imanência para si) de processo e forma como singulares e universais. Mas, superação,

como o ultrapassar da contradição, que apenas se põe como a negação da negação efetivada como afirmação. Por isso, como ser em si que se quer outro. Então, como ser para si e ser para outro no espaço social de que é expressão. Daí que, põe-se como linguagem-discurso, na concreção (momento de existir do processo e da forma como inércia ou particularização) do geosocial. Para Berry e Baker, formalizando, põe-se o problema, assim: "Dentro desse contexto, nossa segunda e terceira teses são no sentido de que o ponto de vista geográfico é espacial e que os conceitos e processos integrantes do geógrafo relacionam-se com as disposições e distribuições, com a integração espacial, com as interações e organização espaciais e com os processos espaciais." (Berry, Baker, 1969: 19). O geosocial é, então, objeto e método de referência do discurso que se manifesta como psico-fenomenologia, liberalismo e socialismo, estudo da segunda natureza e crítica geográfica. O objeto e o método de referência se põem como parâmetros de avaliação do discurso geosocial no projeto de construção da teoria, como a sobredeterminação da idéia manifesta como discurso que apreende a lei na manifestação do fenômeno. Como o ser é espaço enquanto percepção e fenômeno, enquanto concepções de mundo, enquanto momento de superação parcial e enquanto proposição da negação da negação? A pergunta supõe que o discurso teórico deve por-se como proposta de referência ontológica analítica, no momento de seu devir objeto e método epistemológico." (Silva, 1981: 36/46).

Uma Retomada do Ponto de Vista Clássico

No prefácio da 1ª edição de O Capital diz Marx o seguinte: "A forma do valor, a qual tem no dinheiro sua figura acabada, é muito vazia e simples. Apesar disso, tem o espírito humano, há mais de dois mil anos, tentado em vão devassá-la, embora conseguisse analisar, pelo menos com aproximação, formas muito mais complexas e ricas de conteúdo. Por quê? Porque é mais fácil estudar o organismo, como um todo, do que suas células. Além disso, na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópio nem reagentes químicos. Portanto, em vez de abstração substitui esses meios. A célula econômica da sociedade burguesa é a forma mercadoria, que reveste o produto do trabalho, ou a forma de valor assumida pela mercadoria." (p. 4).

Iniciando a exposição, diz: "A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em 'imensa acumulação de mercadorias', e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza." (p. 41).

A forma é, então, o modo real de existência das coisas; ou seja, a realidade se manifesta em formas. Cabe aquilo que a estuda, apreendê-las. Mas, há que distinguir, por exemplo, a forma do valor, construção categorial da existência, da forma mercadoria, existência exterior de objetos, produtos do trabalho, na sociedade capitalista. Por isso, forma é o modo de existir, como manifestação do real.

No Livro 2, Volume 3, diz Marx: "Parte do capital adiantada sob a forma de capital constante, consiste em meios de produção que funcionam como fatores do processo de trabalho enquanto perdurar a forma autônoma de uso com que nêles entraram." (p. 165).

A forma é, como anteriormente, modo de existência, neste caso, do capital, como categoria de apreensão do real e como existência externa, objetivação da riqueza.

O Problema da Forma como Reprodução e Montagem

Em livro recente, Lucien Goldmann, tentando caracterizar o capitalismo, escreve: "Ora, o que caracteriza o capitalismo contemporâneo de organização e o opõe ao capitalismo liberal, e mesmo ao monopolista, é o fato de que, descobrindo, elaborando e pondo a funcionar mecanismos de auto-regulação econômica, e mesmo social, que totaram possível o impulso econômico e o considerável desenvolvimento das forças produtivas quase ininterruptas desde a Segunda Guerra Mundial, introduziu, a um grau relativamente avançado, a ação consciente e racional mesmo ao nível da produção global (nacional e até certo ponto europeia), mas que chegou a isto reduzindo, a um grau desconhecido anteriormente no Ocidente, quase toda função ativa da grande massa dos executantes." (p. 25).

O que é a forma nessa anti-perspectiva?

A Forma no Projeto

Em 1980, havia escrito o seguinte:

"Mas, o que é o projeto?"

O projeto é, então, em primeiro lugar, o movimento genético. Trata-se de captá-lo em sua origem mais remota. Esse flagrar a pre-instituição é a objetivação racional do ser em suas formas de totalidade inicial. Por isso, o território da consciência é, em primeiro lugar, a idéia. Pois, a idéia é o ser que povoa o território da mente humana. A mente vazia é uma impossibilidade humana. Ela só se põe como modo de

produção natural. Mas, aí, expressa-se como epifonema, que dá origem ao realismo ingênuo; e este, ao realismo crítico. Contradição que se resolve para a afirmação da consciência da necessidade: uma necessidade consciente.

O projeto é, então, em segundo lugar, o ser do movimento genético em sua forma dada: o arremesso, a vertigem, a "visagem". Estes, põem-se como "delírio", porque espaço e tempo desdobram-se segundo a lógica especial das contradições, que não se apresenta como forma, senão a posteriori. A história do processo de elaboração do projeto é completamente diversa da história de sua exposição. Não se trata de subordinar uma à outra, mas de compreendê-las como necessárias em suas autonomias e em seu movimento, movimento este que é uma outra modalidade de ser do projeto e se relaciona ao plano.

O projeto é, então, em terceiro lugar, a própria contradição: o movimento genético se põe como ser e é afirmado como contrafação. Inevitável, se se pensa que a negação da negação é uma 'consequência lógica'. Porque, a ruptura implica em perder para ganhar. Por isso, em recuperar as pre-determinações e pre-ideações para além de suas formas e conteúdos, embora elas apareçam, inicialmente, como as mesmas. Momento em que elas já se põem como outras.

O projeto é, então, em quarto lugar, a contradição resolvida. A contradição resolvida é a consciência daquilo que já era dado antes, mas, que não podia se por, então, senão como imagem. Imagem tão mais real na consciência, quanto mais se desenvolve o próprio trabalho que a gera.

O projeto é, então, em quinto lugar, a contradição resolvida, que se põe como imagem real derivada do processo de trabalho, trabalho este que se inicia, desde logo, com o projeto. Mas, agora, o projeto não é mais algo vago e intuitivo: as imagens são reais, com a positividade da seqüência do filme que reproduz o movimento do real." (pp. 1-2).

A Composição da Forma

Considere-se a forma como determinação inicial.

a) A forma na produção.

Trata-se de transformar uma figura em um valor de uso. Por isso, a forma é, desde logo, pensada como utilidade, que se expressa por uma função individual ou social. É composta, então, uma forma-objeto, da qual se tem, previamente, uma forma-representação. Trata-se de impri-

mir esta forma-representação (que é forma pensada) em uma forma-objeto (que é representação objetivada daquela).

Este primeiro momento determina, em parte, as possibilidades do segundo.

b) A forma na circulação.

Trata-se de dar nova forma-representação à forma-objeto, que já contém uma primeira forma-representação, para se obter dela uma forma para consumo. Então, a nova forma-representação será uma forma-comunicação e uma forma-informação que, não obstante, não prescindem da forma-função inicial.

A Forma como Ideologia

A composição da forma, como produção, circulação, troca e consumo da forma, gera uma consciência do mundo da forma.

Como se expressa esta consciência?

Diz Lacan, citado por Maria Lúcia S. Braga (Produção de Linguagem e Ideologia, 1980): "um significante é o que representa um sujeito para um outro significante."

Que é, agora, a forma?

É, novamente, uma forma-representação, mas que ganhou autonomia, desprendendo-se daquela forma-representação, cuja identidade é a forma-objeto realizada.

É, então, a forma-representação de uma forma-sujeito. Mas, como imagem inerte, que só outra forma-sujeito pode transformar em imagem viva.

A Forma na Indústria de Propaganda

Dizem Baran e Sweezy ("Teses sobre a Propaganda" in Comunicação e Indústria Cultural, 1978): "No sentido estrito, a propaganda deveria ser considerada apenas como uma tática interior das amplas estratégias da concorrência em outros moldes que não os de preço. Da mesma ordem de importância são, provavelmente, os retoques mínimos no mesmo produto, comportamentos artificialmente introduzidos e/ou 'éticos' e outros recursos semelhantes; esses meios somente se tornaram possíveis, de resto, através da propaganda. O departamento econômico da McGraw-Hill define a situação de modo bem preciso: 'Atualmente as sociedades produtoras orientam-se cada vez mais no sentido do mercado ao invés da produção. Em certos casos essa modificação vai tão longe, que a General

Electric Company, para citar um exemplo, se considera hoje muito mais uma organização de vendas do que de produção. É patente que tal auto-ima-
gem tem influência sobre a estrutura da empresa; as exigências do 'mar-
keting' reagem d' volta, afetando a composição e construção das instala-
ções produtivas'."

Daí, ser inteligível a tese de Marshall McLuhan, segundo a qual "o meio é a mensagem" (Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem, 1974). Como diz: "Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar tôdas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem." (p. 21).

Que quer dizer isto?

Apenas que as formas que têm realmente significado são a forma-representação, como forma teórica, como na frase de Lacan, citada, e a forma-objeto, como elemento de composição estética-funcional da forma-sujeito, por exemplo, um aparelho de TV.

Forma e Tecnologia da Forma

Cada vez mais a forma é forma-imagem. Como diz Abraham Moles (O Cartaz, 1978): "Muitas vezes já se disse que a civilização contemporânea era a civilização da imagem, que era o que ela tinha de mais específico com relação a todas as civilizações passadas. O termo contraditório de civilização oral proposto para descrever o novo universo da comunicação é ainda tão-somente uma imagem do futuro mais próxima num substrato técnico: gravador, máquina de ouvir, máquina de falar, que se encontram apenas em processo de desenvolvimento, seja industrial, seja técnico, e cujas conseqüências sociais efetivas não se fizeram ainda sentir." (p. 15).

O próprio Abraham Moles, em outro texto (Rumos de Uma Cultura Tecnológica, 1977) diz: "... a (...) estrutura (...) é mais definida pelos produtos que fabrica mas pelo potencial intelectual e pelo potencial instrumental de que dispõe." (p. 250).

O Limite da Forma no Capitalismo

O limite econômico da forma é sua constituição como assunto especializado científico, campo do saber que se autonomiza como subcategoria do capital.

O que permanece ainda fora do mundo do capital e do trabalho? Quer dizer, o mundo da idéia, no sentido clássico da metafísica,

15

ou no sentido moderno da meta-teoria, a forma-objeto, ou forma-sujeito, de tal modo que, modificando a frase de Lacan se tenha de dizer que uma forma é o que representa um sujeito para uma outra forma, no mundo social e individual das formas objetivas.

Então, a paisagem e o modelo são uma composição de formas fetichizadas para a consciência do sujeito ausente do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- Silva, A.C. da (1982) A Metrópole Ampliada e o Bairro Metropolitano, i nédito, São Paulo.
- Silva, A.C. da (1978) O Espaço Fora do Lugar, Editora Hocitec, São Paulo.
- Santos, M. (1981) Estrutura, Processo, Função e Forma como Categorias do Método, original datilografado, xerox, Rio de Janeiro.
- Silva, A.C. da (1981) "O Processo e a Forma" em Geografia, Natureza e Sociedade. Uma Teoria do Lugar Social, inédito, São Paulo.
- Marx, K. (1978) O Capital, Livros 1 e 2, Volumes 1 e 3, tradução de Reginaldo Sant'Anna, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Goldmann, L. (1972) A Criação Cultural na Sociedade Moderna, tradução de Rolando Roque da Silva, Difusão Européia do Livro, São Paulo.
- Silva, A.C. da (1980) De Quem é o Espaço?, inédito, São Paulo.
- Lacan, J. (1966) "Subversion du Sujet" en Écrits II, Ed. du Seuil, Paris, citado por Braga, M.L.S., Produção de Linguagem e Ideologia, Cortez Editora, São Paulo.
- Baran, P.A. (e) Sweezy, P.M. (1963) "Theses on Advertising", Monthly Review, New York, reproduzido e traduzido por Cohn, G. (organizador) (1978) Comunicação e Indústria Cultural, Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Mcluhan, M. (1974) Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem, tradução de Décio Pignatari, Editora Cultrix, São Paulo.
- Moles, A. (1978) O Cartaz, tradução de Miriam Garcia Mendes, Editora Perspectiva, São Paulo.
- Moles, A. (1973) Rumos de uma Cultura Tecnológica, tradução de Pérola de Carvalho, revisão de Mary Amazonas Leite de Barros, Pérola de Carvalho e Denise Boltman, Editora Perspectiva, São Paulo.

0000000